ISSN: 2358-8829

FORMAÇÃO DE PROFESSORES: ENTRE O REDUCIONISMO DA AUTONOMIA DOCENTE E A PADRONIZAÇÃO DO ENSINO

Wélida Katiane dos Santos Sousa Lima
Universidade Federal de Rondonópolis-UFR
Sousawell58@gmail.com[1]

Simone Albuquerque da Rocha
Universidade Federal de Rondonópolis-UFR
simone.albuquerque@ufr.com.br[2]

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta uma análise reflexiva referente a Formação de Professores: sobre o reducionismo da autonomia docente e a padronização ensino, partindo do pressuposto de que a formação de professores historicamente tem perpassado por inúmeras tensões, principalmente no que tange à autonomia docente e às imposições decorrentes da padronização do ensino.

Logicamente, que essa trajetória sempre esteve ligada a reprodução de um ensino que escancara a lógica capitalista de mercado, transformando o professor em um mero reprodutor de um currículo sem análise crítica e reflexiva. Contrapondo a essa lógica, Nóvoa (2022), ressalta que a educação precisa refazer-se perante a doutrinação de um sistema especializado para que não diminua o ensino com práticas dominadoras do bem comum.

Diante dessa vertente, o artigo tem como objetivo compreender as concepções acerca da padronização do ensino no contexto educacional e suas implicações para o trabalho docente, principalmente no município de Rondonópolis/Mato Grosso que desde 2025, no afã de ampliarem os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), bem como maior pontuação no Índice de Participação dos Municípios (IPM), adotaram em sua proposta de ensino, o material estruturado para atender as duas primeiras etapas da educação básica (educação infantil e ensino fundamental até o 3º ano do II ciclo) e modalidade: Educação de Jovens e Adultos (EJA) e Atendimento Educacional Especializado (AEE).

---

[1] Mestranda da Universidade Federal de Rondonópolis-UFR; Sousawell58@gmail.com

[2] Orientadora: Professora Dr. Simone Albuquerque da Rocha da Universidade Federal de Rondonópolis-UFR; simone.albuquerque@ufr.com.br

ISSN: 2358-8829

Ainda a esse respeito, com a aquisição deste material, vincula-se a formação ofertada aos professores da rede municipal com base no "Guia do professor", para orientar o professor quanto a sua aplicação em sala de aula. Partindo desse contexto, como o professor poderá superar a proposta de reducionismo da sua autonomia docente e contrapor a padronização deste ensino?

Assim, para Novoa (2022), não podemos permitir a corrosão da profissão docente, que por ausência de políticas públicas, a formação docente seja transformada em prescrição por mercados, por grupos ou empresas terceirizadas.[3] Pelo contrário, precisamos de formações docentes que sua estrutura se constitua como um processo de aprendizado por meio do qual o professor adquira conhecimentos durante sua trajetória profissional, indo desde a iniciação à docência até os contextos atuais.

Logo, observa-se que a formação de professores ganha uma maior notoriedade para os professores em iniciação à docência em virtude que nesta fase que ocorre o aprendizado profissional e pessoal, bem como também a descoberta sobre a prática pedagógica, seus desafios e alternativas para redimensioná-las no fazer educativo.

Para Imbernón (2024):

> [...] "a formação inicial deve adotar de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal que deve capacitar o futuro professor ou professora a assumir uma tarefa educativa em toda a sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários, isto é, apoiando suas ações em uma fundamentação válida para evitar cair no paradoxo de ensinar " (Imbernón, 2024, p.128).

Assim, neste processo de formação os professores constroem sua identidade, articulando saberes teóricos, experiencia e reflexão crítica, seja no contexto da escola ou em outros espaços formativos. Corroborando com essa ideia Francisco Imbernón (2024 p.31), afirma que " um dos objetivos de toda a formação válida deve ser experimentada e também proporcionar a oportunidade para desenvolver uma prática reflexiva competente". Diante disso, "a formação assume um papel que vai além do ensino que pretende uma mera atualização científica e pedagógica" (Imbernón 2024, p.34), ela se transforma em um espaço na qual os professores aprendem e se adaptam com as mudanças e incertezas, sempre por meio de um trabalho colaborativo.

Dessa forma, a formação apresenta uma relevância significativa para o desenvolvimento de uma práxis pedagógica que contraponha políticas de engessamento e padronização do

[3] No Município de Rondonópolis a maioria das formações da rede são responsabilidade das editoras Aprender Brasil e Aprender formar.

ISSN: 2358-8829

ensino, pois, um professor reflexivo parte da compreensão que " a educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação" Freire (2013, p.12). Assim, Freire acentua sobre a necessidade de a pedagogia ser impregnada de intencionalidade política, a favor das massas populares, se constituindo em uma ciência que liberta ao invés de oprimir.

Neste contexto, a pesquisa com abordagem qualitativa desenvolve-se em uma escola pública da rede municipal de Rondonópolis- MT, com duas professoras colaboradoras e justifica-se pelo fato de problematizar a padronização do ensino e o reducionismo da autonomia docente frente a esses modelos de reprodução do currículo que reduzem a educação como espaço de emancipação de práticas pedagógica voltadas para a libertação de sujeitos autônomos e conscientes do seu papel na sociedade, como também em uma política educacional focadas no ranqueamento de índices educacionais,

Para tanto, a pesquisa evidenciou conforme aponta Freire (2013, p.15), um "momento de aviamento e desvalorização do professor em todos os níveis" caracterizando o momento fragilizado da profissionalização docente e a necessidade de o professor manter uma postura vigilante contra todas as práticas de desumanização e reducionismo da autonomia, para assim ressignificar as propostas de ensino.

Sendo assim, essa transformação só acontecerá por meio de posicionamento político e uma formação permanente que possibilite momentos de reconstrução crítica, de construção coletiva e de identidade profissional.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

A pesquisa com abordagem qualitativa, adotou questões semiestruturadas, a fim de analisar as reflexões das colaboradoras acerca do objeto em estudo. Para Bogdan, Biklen (2013) a investigação qualitativa exige que o objeto seja analisado e compreendido com argumentos significativos nos possibilitando a uma visão esclarecedora desse estudo. Nessa mesma direção Minayo (2001), ressalta que a pesquisa qualitativa gera conhecimento e análise interpretativa dos dados.

Foram sujeitos da pesquisa duas professoras, identificadas como colaboradora1; colaboradora2, ambas de uma escola da Rede Municipal de Ensino de Rondonópolis MT. A pesquisa tem como objetivo objetivo analisar e discorrer sobre as concepções acerca da padronização do ensino no contexto educacional, bem como as implicações destas para o

ISSN: 2358-8829

trabalho docente e de que maneira a formação docente pode contribuir para o enfrentamento do reducionismo da autonomia na prática pedagógica.

Os dados coletados possibilitaram a escolha de três eixos de análise, sendo:

EIXO 1: O que narram as professoras sobre suas concepções acerca da padronização do ensino no contexto educacional;

EIXO 2:As implicações da padronização do ensino para o trabalho docente;

EIXO 3: Contribuição da formação docente para o enfrentamento do reducionismo da autonomia na prática pedagógica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para a elaboração do presente artigo, utilizaram-se como referenciais Bogdan e Biklen (2013), nos quais explicitam a pesquisa qualitativa como esclarecedora do objeto em estudo; Minayo (2001), que retrata a pesquisa qualitativa como geradora de conhecimento e análise interpretativa das informações; Paulo Freire (2013, 2022), ressaltando o papel fundamental do professor no combate contra as práticas pedagógicas voltadas à dominação e as práticas opressoras; Bernardete Gatti (2013), que evidencia a prática educacional com significado; Maurice Tardif (2014), quando enfatiza a pluralidade dos saberes docentes adquiridos durante a trajetória profissional docente. Ademais, Francisco Imbernón (2022, 2024), fundamenta o papel da formação docente para o desenvolvimento de práticas educativas com análises críticas e reflexivas; Maria Candau (2012), retrata o posicionamento contra as práticas de ensino monocultural; Antônio Nóvoa (2022) ressaltando a formação dos professores como mola propulsora da transformação de uma política formativa voltada a autonomia docente e Contreras (2002), fomentando a autonomia como um fenômeno complexo e relacional, que envolvem aspectos pessoais, estruturais e políticos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

NARRATIVAS DAS PROFESSORAS COLABORADORAS SOBRE O OBJETO DE PESQUISA

EIXO 1: O que narram as professoras sobre suas concepções acerca da padronização do ensino no contexto educacional.

ISSN: 2358-8829

> Eu entendo que a padronização do ensino, de forma mais simples, é quando existe um "caminho comum" que todas as escolas devem seguir, com conteúdo e objetivos parecidos para todos os alunos. isso tem um lado bom: ajuda a garantir que todo estudante tenha acesso ao básico, não importa onde estude. também facilita a organização da escola e dá um norte para o professor saber o que precisa ensinar. só que, por outro lado, quando essa padronização é muito rígida, pode acabar não respeitando as diferenças entre os alunos. cada criança aprende de um jeito, no seu tempo, e nem sempre um ensino "igual para todos" funciona na prática. além disso, pode limitar a criatividade do professor e dificultar um ensino mais adaptado à realidade dos alunos. então, o ideal seria usar essa padronização como um guia, mas não como algo fechado. o professor precisa ter liberdade para adaptar, mudar estratégias e pensar em formas diferentes de ensinar, garantindo que todos realmente aprendam, cada um do seu jeito (Colaboradora 1, abril/2026).

> Eu particularmente não concordo, visto que somos seres ímpares. A padronização levaria o sujeito a apresentar de forma única, igualitária. Existem várias formas de aprender (Colaboradora 2, abril/2026).

Ao analisar as narrativas das professoras observa-se uma dualidade de opiniões referente as concepções acerca da padronização do ensino. A colaboradora1, apresenta suas ideias confusas por apresentar no primeiro momento que a padronização, possibilita um conhecimento comum para todos, ou seja, "base comum", facilitando a organização da escola e da prática pedagógica em sua concepção.

Logo após, relata que nem sempre uma organização do ensino para todos garante aprendizagem. Diante disso, trazemos a luz o pensamento de Francisco Imbernón (2022), precisamos rever qual tipo de ensino nos serve ou não, pois espera-se que no século XXI, as propostas de ensino estejam voltadas para a democracia e superação das desigualdades. Rompendo a idealização de uma visão institucionalizada na qual poucos podem opinar e aprender.

Nessa vertente a colaboradora 2, expressa suas ideias contrárias a padronização do ensino, pois somos seres únicos e plurais e a educação deve ser empreendida como prática da liberdade, possibilitando aprendizagens com intencionalidades, respeitando os ritmos de aprendizagem de cada estudante. Nessa direção buscamos em Freire (2013), fundamentos que retrata a pluralidade existente na relação do homem com o mundo, onde o homem intervém aos desafios de forma ampla e não com um tipo padronizado de resposta.

Dessa forma, torna-se essencial uma educação focada na prática social, sendo o professor o condutor dessa práxis , posicionando-se criticamente para romper a padronização do ensino, repensando e readequando as propostas curriculares de acordo com a realidade dos alunos, para a efetivação de uma aprendizagem significativa.

EIXO 2: As implicações da padronização do ensino para o trabalho docente

ISSN: 2358-8829

> Quando se analisa a educação em um contexto maior, percebe-se que a padronização do ensino mexe bastante com o dia a dia do professor. Por um lado, ela ajuda porque já dá um caminho pronto: o professor sabe o que precisa ensinar e em que ordem e isso facilita o planejamento e evita ficar perdido sobre o que trabalhar com a turma. Mas, por outro lado, pode acabar "prendendo" o professor. Muitas vezes ele não consegue ensinar do jeito que acha melhor ou adaptar tanto quanto gostaria, porque precisa seguir um padrão. E a gente sabe que cada turma é diferente, cada aluno aprende de um jeito. Outra coisa é que o professor precisa fazer um esforço maior para adaptar esse conteúdo padrão para a realidade da sala. Principalmente quando tem alunos com dificuldades ou que precisam de um atendimento mais individualizado, ele acaba tendo mais trabalho para ajustar as atividades. Também existe uma pressão maior por resultados, por causa de provas e avaliações. Isso pode fazer o professor focar mais em "cumprir o conteúdo" do que em garantir que os alunos realmente aprenderam. No fim, o professor precisa equilibrar as coisas: seguir o que é pedido, mas ao mesmo tempo adaptar, criar estratégias e pensar no que realmente funciona para os alunos dele (Colaboradora 1, abril/2026).

> Precariza o trabalho docente, diminuindo a autonomia do professor" (Colaboradora 2, abril/2026).

Partindo das análises das falas das professoras colaboradoras, compreende-se que ambas compreendem as implicações da padronização do ensino para o trabalho docente. No entanto, a colaboradora 1, explicita com maior ênfase todas essas implicações para o processo ensino aprendizagem quando retrata que no mesmo momento que essa padronização favorece um caminho pronto a ser seguido, desfavorece o atendimento das especificidades do aluno que se tem em sala.

Nesse sentido, Gatti (2013) afirma que a "prática educacional é a pratica social com significado e não pode ser tomada como simples receita, ou confundida com tecnicismo modeladores. Assim, o professor deve atuar como de forma crítica na escolha de práticas educacionais libertadoras.

Para tanto a colaboradora 1, retrata outro fator alarmante quando nos evidencia a preocupação do professor com o cumprimento do prescrito nos planos de ensino, uma vez que, o aluno precisa conhecer o conteúdo proposto para a realização das avaliações com focos nos resultados, pois, a lógica meritocrática tem prevalecido nos sistemas de ensino da rede Municipal.

Todavia, essas práticas avaliativas tem suscitado a implementação de políticas educacionais padronizadas para a obtenção de dados que permitem mensurar os avanços ou retrocessos no processo de ensino, como também fator preponderante na distribuição de recursos, que de certo modo, influenciam como regulador de práticas pedagógicas e organização escolar.

ISSN: 2358-8829

Assim, tal prescrição do ensino evidencia-se pela necessidade de elevação dos indicadores do os Índices de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB), que desde a sua criação pelo decreto nº 6094 de 24 de abril de 2007, tornou-se referência para angariar maiores recursos para rede municipal e/ou estadual, assim como maior pontuação no Índice de participação dos Municípios (IPM). O que em muitos momentos na ânsia por resultados quantitativos, tem reduzido o ensino em mera transmissão de conteúdos mercantilizada que segundo Ball (2025), evidencia o edu-buzines (negócio em educação), que visam o controle de políticas e a regulação dos sistemas de ensino sob a falsa ideologia de emancipação, mas, que na verdade tais ideologias acentuam o pragmatismo da otimização. Segundo Contreras (2002), esse cenário denota a forma como o Estado desenvolve seus mecanismos de racionalização técnica, aumentando as formas burocráticas de controle sobre o professor, impedindo a análise reflexiva, o trabalho colaborativo e desqualificando as competências profissionais, fomentando o trabalho educativo em mero executor de tarefas.

Candau (2012, p.151), reverbera que "não podemos encarar o ensino como peças a serviço da economia e sim se inspirem em valores humanos fundamentais reconhecendo a diversidade cultural". Assim, a autora retrata a importância da despolitização do ensino, tendo em vista a alternância multicultural que abrange a educação em suas diferentes linguagens e saberes.

Para tanto, a colaboradora 2 enfatiza que a padronização desqualifica o ensino como prática social de libertação e engessa a atuação do professor nas tomadas de decisões essenciais para a democratização de ensino, na participação do debate e na escolha tanto para o aprendizado quanto para a vontade de aprende-lo.

Portanto, torna-se necessário realizar uma reflexão crítica de como o professor pretende atuar nesta situação em que se exige um posicionamento político para que de fato a escola possa desempenhar o seu papel, rompendo a padronização dos currículos e formando estudantes capazes de interagir de forma crítica em seu contexto sócio-histórico.

EIXO 3: Contribuição da formação docente para o enfrentamento do reducionismo da autonomia na prática pedagógica

> A formação docente pode ajudar muito o professor a enfrentar essa perda de autonomia na prática pedagógica, principalmente quando vai além do "seguir regras" e ajuda o professor a pensar sobre o que faz. Primeiro, uma boa formação ajuda o professor a entender o porquê das propostas pedagógicas, e não só aplicá-las. Quando ele compreende o sentido do currículo e das orientações, consegue adaptar com mais segurança, sem ficar preso apenas ao que está pronto. Além disso, a formação incentiva o professor a ser mais crítico e reflexivo, e assim, ele passa a analisar o que funciona ou não na sua turma e se sente mais seguro para fazer mudanças, mesmo

> dentro de um sistema padronizado. Outro ponto importante é o contato com diferentes metodologias e estratégias de ensino. Quanto mais repertório o professor tem, mais fácil fica adaptar as aulas, inovar e atender às necessidades dos alunos, sem depender só de um modelo único. A formação também fortalece a confiança profissional. Um professor bem preparado se sente mais seguro para tomar decisões, justificar suas escolhas e defender práticas que realmente favoreçam a aprendizagem dos alunos. Ao meu ver, o ponto alto de uma boa formação é quando esta ação promove momentos de troca entre professores, ela ajuda a construir soluções coletivas. Assim, o professor percebe que não está sozinho e pode encontrar novas formas de agir sem abrir mão da sua autonomia. Enfim, a formação docente ajuda o professor a deixar de ser apenas alguém que "cumpre o que mandam" e passa a ser um profissional que pensa, adapta e toma decisões com consciência na sua prática (Colaboradora 1, abril/2026).

> A formação continuada do professor abre espaços e caminhos para novos saberes. Daí a contribuição necessária do professor para aprender e transmitir os saberes para o aluno e conduzindo novos conhecimentos e autonomia para serem capazes de reconstruir suas atitudes através de pensamentos críticos para a intervenção na sociedade em benefício do bem comum para todos (Colaboradora 2, abril/2026).

Partindo das narrativas das colaboradoras 1 e 2, podemos observar que ambas acentuam a formação docente como base para o enfrentamento do reducionismo da autonomia docente na prática pedagógica e no direcionamento da atuação profissional. Retratam a importância de os professores serem dotados de saberes para uma atuação crítica e reflexiva no contexto escolar e também mola propulsora do firmamento profissional.

Assim Tardif (2014, p.21), afirma que "ensinar é mobilizar uma ampla variedade de saberes, reutilizando-os no trabalho para adaptá-los e transformá-los para o trabalho". Logo, o trabalho educativo é o local onde o professor aplica o conhecimento, com possibilidade de análise, reflexão e reestruturação de sua prática com autonomia. Para Freire (2011), a atuação pedagógica deve estar permeada na ética, na dignidade e na autonomia do educando, favorecendo a visão gnosiológica da educação e a transformação sociocultural do ensino.

Assim, observa-se, nas narrativas das colaboradoras 1 e 2, a compreensão do papel fundamental da formação docente como resistência pedagógica, possibilitando ao professor uma base teórica sólida que distingue de maneira crítica e reflexiva qual proposta de ensino agregará aprendizado aos alunos, contrapondo assim, perspectivas meritocráticas neoliberais que desfavorecem o desensolvimento de um ensino humanizador e autonomo. Nesse ponto, Contreras (2002), corrobora afirmando que a autonomia dos professores deve ser encarada como emancipação das aspirações das comunidades sociais e educativas de um ensino guiado pelos valores de igualdade, justiça e democracia.

ISSN: 2358-8829

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos apontamentos evidenciados neste artigo, pode-se concluir que somente por meio de uma formação de professores permanente que o profissional docente poderá adquirir saberes que possibilitarão um compreensão maior sobre sua capacidade de atuação e transformação social, pois, conforme Tardif (2014), todo saber preconiza um processo de aprendizagem e de formação e quanto mais longo for esse movimento, maior será a sistematização deste saber.

Nóvoa (2009), ressalta que para promover a aprendizagem há a necessidade de compreensão de estabelecer novas formas de pensar e trabalhar a escola, visando a ruptura da despolitização do ensino para que ocorra novas oportunidades de conhecimento.

Neste contexto, o professor precisa atuar de forma politizada de maneira a considerar a escola como bem público e não como bem privado. Onde sua maior preocupação seja a oferta de uma aprendizagem significativa, que contemple as especificidades do estudante para que este amplie seu repertório de conhecimento de mundo. Desconsidera-se o assim, um ensino focado apenas na meritocracia voltadas ao ranqueamento de índices educativos. Dessa forma, almeja-se a libertação de práticas tiranas e padronizadas do ensino, na qual o professor possa reverberar novos modos de ser, agir e pensar a educação de forma autônoma e contra o sistema capitalista neoliberal.

Em suma, o professor compreende o papel fundamental da formação docente para a autogestão do conhecimento e controle da prática pedagógica, para que possa não só compreender os problemas, mas, buscar meios para resolve-los, seja de maneira individual ou coletiva conforme retrata Tardif (2014).

Palavras-chave: Formação docente; reducionismo; padronização; autonomia.

REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. Educação Global S.A.: **Novas redes políticas e o imaginário neoliberal**. tradução de Janete Bridon. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2025.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação:** uma introdução à teoria e aos métodos. 12. ed. Porto: Poto Editora, 2013.

CANDAU, Vera Maria (org). **Didática:** questões Contemporâneas. 33.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GATTI, Bernardete A. Educação, escola e formação de professores: políticas e impasses. **Educar em Revista**, Curitiba, Editora UFPR; Brasil, n.50, p.51-67, out./dez.2013.

CONTRERAS, José. **Autonomia de professores.** Tradução de Sandra Trabuco Valenzuela. Revisão técnica, apresentação e notas à edição brasileira de Selma Garrido Pimenta. São Paulo: Cortez, 2002.

IMBERNÓN, Francisco: **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança da incerteza.** Tradução Silvana Cobuci Leite. São Paulo: Cortez, 2022. Ebook. (Coleção questões da nossa época; v.14).

IMBERNÓN, Francisco. **A inovação educacional no ensino do futuro**. São Paulo: Cortez, 2024.

FREIRE, Paulo; **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo, Paz e terra, 2011.

FREIRE, Paulo, **Pedagogia do Oprimido** (recurso eletrônico)/Paulo Freire. -.- Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 17.ed. Petropólis, RJ: Vozes, 2014.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

NÓVOA, Antônio; **Escolas e professores proteger, transformar, valorizar**. Colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

NÓVOA, Antônio; **Professores: Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.